

4CCHLADLEMPLOC04

OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA E/LE

Bruna Mikaele Siquiera ⁽¹⁾ María del Pilar Roca ⁽³⁾

Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras/ Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

RESUMO

Esse projeto foi realizado no período de sete meses, com alunos de 08 a 14 anos nas escolas Gilberto Amado, Anglo e Constructor Sui, está vinculado ao programa acadêmico Prolicen com o objetivo de observar a língua espanhola como língua estrangeira em sala de aula. Nosso objetivo era fazer com que os alunos colocassem a língua espanhola em uso, ou seja, aprendessem em sala de aula como se usa a língua e levassem em consideração as questões gramaticais recolhidas em gramáticas e dicionários apenas como material de apoio. Notamos que no começo foi complicado, pois na maioria das vezes, eles tinham problemas na comunicação em geral, seja na LM ou LE. Para realizar esse trabalho tivemos a professora bolsista e eu que fazer algumas leituras de autores que se referiam a esse tema também tivemos que nos reunir semanalmente com a nossa orientadora para discutirmos essa proposta de ensino da língua espanhola em sala de aula. Concluímos que durante esse tempo em sala de aula conseguimos fazer com que os alunos deixassem de lado as questões gramaticais e fossem para a língua em si, apesar do constante estranhamento que eles tinham com esse novo método de ensinar língua espanhola (LE).

Palavras - Chaves: Língua Espanhola; Proposta de ensino; Diálogo

INTRODUÇÃO

O projeto “Para a elaboração de uma proposta de ensino E/LE dentro de um enfoque pragmático” se iniciou em 2005 e encontra-se na sua terceira fase de aplicação. Durante o semestre 2007.01, foi aplicado nas escolas Gilberto Amado, Anglo e Constructor Sur, situadas em João Pessoa. O projeto visa à busca de novos acessos à aprendizagem do Espanhol como Língua Estrangeira, doravante E/LE, desta vez dentro de um enfoque pragmático que relativize o estudo da gramática e incentive o conhecimento da língua a partir do uso, isto é, a partir da escuta e da reflexão por cima da memorização de regras descontextualizadas.

O projeto tem como base utilizar o espaço da sala de aula como aprendizagem da língua espanhola, a partir de textos orais e/ou escritos, ou seja, pelo uso da língua.

É importante lembrar que o escritor Juan de Valdes já valorizava, em 1535 a aprendizagem da língua através da observação e da escuta do uso cotidiano que a comunidade culta de falantes fazia, expressada nos provérbios populares, diferentemente dos critérios de Antonio de Nebrija, autor da primeira gramática sobre a língua castelhana. Este

⁽¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

baseava a estrutura e aprendizagem da língua castelhana em autores que haviam latinizado sua escrita, afastando a língua da naturalidade do uso de falantes.

Vale mencionar que Valdés, também afirmava que uma língua viva se adquiria, ao passo que a latina se apreendia e, portanto, questionava que os mesmos passos pedagógicos fossem aplicáveis a uma e a outra. Ao falar especificamente do caso do idioma castelhano, afirmava que havia aprendido esse idioma "por uso comum de habla" Segundo ele, as categorias gramaticais do latim não são adequadas para a aprendizagem da língua, do uso das línguas vernáculas e em concreto para o espanhol.

Acreditamos que os alunos podem alcançar uma maior independência no processo ensino aprendizagem, e que o professor atue apenas como intermediador neste processo, permitindo o acontecer de silêncios, da escuta e da reformulação com a escrita como modo de desenvolver a consciência do próprio conhecimento.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

No começo, estávamos em sala de aula apoiadas nos livros do modo como estávamos acostumadas e achávamos habitual. Mas, depois, passamos alguns meses sem dar aulas devido às férias nas escolas onde o projeto estava sendo aplicado e foi quando começamos a fazer nossas leituras e nossas reflexões.

Fomos mudando nossa metodologia através das leituras. Com o tempo deixamos de usar livros ou dicionários (que passaram a ser apenas material de apoio) As aulas eram elaboradas de acordo com o desenvolvimento dos alunos, quando pensávamos que estávamos dando aula, eles estavam aprendendo sozinhos, através de suas próprias observações.

Acredito que o método tradicional de ensino de língua estrangeira, torna a língua morta (só aprendemos o que tem nos livros) Como observadora via que eu era uma espécie de professor dicionário, pois, muitas vezes, as dúvidas eram tiradas comigo e não com a professora que estava na frente. ex: "como se diz caneta" ou "o que significa Bueno". No começo respondia as perguntas até porque queria ter algum contato com eles e achava necessário, mas depois fui me afastando pouco a pouco para poder observar e fazer com que eles comesçassem a dar suas próprias respostas e apreendessem sozinhos, sem a minha ajuda. Notei que, depois, quando eles viram que eu não respondia mais, começaram a desenvolver autonomia e descobriram sozinhos onde estavam errando.

Achei interessante que, em outras fases do projeto, as outras observadoras também se achavam professoras-dicionário e tiveram a mesma experiência que eu. Exemplo: "Minha atuação como monitora/observadora, inicialmente se vincula diretamente aos alunos ora como tradutora das intenções propostas de trabalho, ora como um apoio formal (dicionário gramática) (RIBEIRO, 2006, p 5)

RESULTADOS

Como estudante eu tinha a concepção de que o professor para dar uma boa aula tinha que usar livros, quadros e todos esses recursos convencionais, mas como professora, hoje, vejo que não são necessárias todas essas coisas para dar uma boa aula e sim uma maior interação com os alunos através do diálogo, ou seja, da comunicação, para que eles possam se sentir sujeitos do processo ensino aprendizagem, usando esses materiais apenas como apoio didático.

No começo foi difícil porque não tínhamos noção de qual era o nosso papel no projeto, mas depois nossa orientadora foi nos passando pouco a pouco qual o direcionamento deveríamos tomar, foi aí que lemos o projeto e alguns autores referentes para um embasamento teórico.

Na primeira fase, ficamos em duas escolas no Anglo e no Gilberto Amado. Nessas escolas notávamos que os alunos achavam estranho o fato de só usarmos o livro durante um tempo.

“Professora porque não vamos fazer as atividades do livro é mais fácil, eu gosto mais”(Aluno A).

“Professora não vamos mais usar o livro não é? (Aluno B).

“Eu prefiro quando vemos as atividades do livro”(Aluno C).

Logo começamos a usar só a língua como instrumento de trabalho, passamos três meses só com as leituras e refletindo sobre a primeira fase do projeto. Questionávamos-nos se podíamos entrar dessa vez em sala de aula sem livros, só apenas com a língua, depois de algum tempo de reflexão vimos que isso era possível.

Na segunda fase notávamos que os alunos também achavam estranho o fato de não entrarmos com nada em sala de aula, mas já tínhamos mais experiência. Assim conseguimos levar esse fato com mais tranquilidade.

Durante as primeiras semanas usamos a parte escrita, para fazer com que eles tivessem contato com a língua Espanhola. Os alunos faziam o exercício e levávamos para casa para ver o que tinham errado, mas não corrigíamos da forma habitual, fazíamos apenas anotações. Em seguida, devolvíamos os exercícios sem correções, em branco, para que os alunos pudessem fazer suas próprias considerações e aí, sim, verem onde erraram, assim aprenderiam com seus erros, porque acreditamos que quando o aluno detecta os seus erros fica mais fácil aprender. No começo eles nos questionavam, mas depois foram se habituando a esse novo método de correção, a um método que não era de correção, mas de dar-se conta dos seus erros.

Em nossa sala de aula os alunos conseguem ter contato com a língua Espanhola.

Durante um tempo eu não sabia o meu papel no projeto, mas com o tempo fui me encontrando. Vi que eu estava ali para observar o comportamento em sala de aula em relação a língua espanhola e a língua materna, não foi fácil fazer com que os alunos falassem em Espanhol em sala de aula, muitas vezes achavam que não sabiam, que não iam conseguir e, na maioria das vezes, ficavam calados.

Eu também tinha essa timidez quando era aluna e sabia que ia chegar a hora que eu teria que falar, mas não conseguia botar isso para fora mesmo que eu soubesse as respostas.

Acredito que se trata de uma insegurança normal e até, certo ponto, natural, principalmente quando refere-se a língua estrangeira. Entretanto, consigo entender porque acontece isso com os alunos, muitas vezes me via neles, acreditamos que seja algo que com tempo pode vir a ser superado.

Com passar do tempo notamos alguns resultados, os alunos já se preocupavam menos com os livros e gramáticas, pouco a pouco foram perdendo o medo e a timidez e começaram a falar. No começo eram palavras soltas, mas com o tempo já eram frases inteiras e bem estruturadas, como por ex: "yo me siento muy contenta" (Aluno D).

CONCLUSÃO PARCIAL

Durante esses sete meses que passamos nas escolas, pouco a pouco fomos nos libertando do livro, e começamos colocar a língua Espanhola em uso. Apesar do estranhamento dos alunos em relação a nossa proposta de ensino achamos que foi satisfatório o trabalho realizado em sala de aula. Os alunos começaram a se preocupar menos com as questões gramaticais e começaram a querer aprender a língua sem regras formais.

No começo não sabíamos como iríamos fazer as avaliações, decidimos fazer uma prova escrita e outra oral, mas com o tempo achamos melhor fazer nossas avaliações contínuas, ou seja, pela frequência, pelo desenvolvimento em sala de aula, pelo que eles fossem assimilando. Achávamos que essa seria a melhor forma de avaliação.

O maior objetivo do nosso projeto é fazer com que a língua espanhola seja colocada em uso, e que o professor consiga passar para o aluno questões jamais passadas, coisas que os alunos jamais tinham a intenção de aprender em sala de aula, que o aluno consiga desenvolver uma nova metodologia de aprendizagem que seja satisfatória para ele. "Assumindo a aprendizagem como um processo interno e não externo, teremos um aluno mais consciente e responsável por suas atuações em sala e principalmente capaz de assumir compromissos com seus processos individuais e com as frequências de atividades em que eles possam atuar sozinhos ou em grupo." (GOMES, 2006, p. 5)

Podemos perceber também que, na maioria das vezes, a língua Espanhola é procurada pelos alunos devido a dificuldades que eles encontram na língua inglesa, devido a essa dificuldade e como o Espanhol é a segunda língua mais falada do mundo e a que se

parece mais com português, eles acreditam que será mais fácil aprendê-la mesmo achando que o Espanhol não tem o mesmo prestígio social que o Inglês.

Segundo o MEC a língua Espanhola trata-se de uma língua estrangeira especial, o professor que ensina o Espanhol tem uma tarefa a mais que o professor que ensina outra língua estrangeira, tem que fazer com que o aluno entenda que o Espanhol é diferente do Português que apenas são descendentes do Latim, mas que tomaram formas diferentes.

“Portanto, no contato entre ambas línguas as diferenças, embora pareçam pequenas, criam significados e até sentidos diferentes, que devem torna-se consciente pouco a pouco, para não complicar entre duas línguas que estão destinadas a se entender, mas que acabem no desencontro por falta de cuidado” (REFERENCIAIS, 2006, p.173)

REFERÊNCIAS

PARAÍBA. Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Coordenadoria de Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio**. João Pessoa, 2006, p. 102 – 212.

GOMES, Yarana Serrano. *Prática de observação em sala de aula*. In: XXI Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, 2006, João Pessoa: Idéia. Sessão coordenada. p. 3039-3044 1 CD ROM.

RIBEIRO, Silvia Renata. *Reflexões acerca das relações entre LM e LE em aulas de E/LE*. In: XXI Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, 2006, João Pessoa: Idéia. Sessão coordenada p.2727-2732. 1 CD ROM.

VALDÉS, Juan de. *El diálogo de la lengua*. Ed.de Cristina Barbolani. Madrid, Cátedra. 2003